

Editorial

O que é isto – as filosofias?

Este momento inaugural, no qual vem à luz a *Revista Añansi*, constitui uma mescla singular: de um lado, a felicidade própria a todo gesto criador, e, de outro, a possível aflição causada pela responsabilidade de conduzir um discurso portador de ideias que se interseccionam na construção deste projeto. Acrescente-se a isto o desafio especial de redigir o editorial do primeiro número da Revista, agravado pelo fato de tratar-se de uma publicação centrada em estudos de Filosofia. Ocorre que este primeiro editorial precisa não apenas apresentar com clareza e coerência as intensões do periódico, como se dar ao trabalho de delimitar o que a Revista entende e propõe como filosofia, esta filosofia que nos dedicaremos a divulgar.

Em seus primeiros parágrafos de *O que é isto – a filosofia?* Heidegger discorre sobre as dificuldades de delimitar o fazer/ser filosofia e sua abertura a distintas possibilidades conceituais. Mesmo tendo oferecido algumas possibilidades de resposta: “atarefamento da razão”; o “corresponder ao ser do ente”; “competência da busca do ente enquanto *é*”; ou *epistémē theoretiké*, Heidegger é muito assertivo ao perceber que a vastidão de tal debate sempre nos guiará a posições abertas. Mesmo representando consistentes possibilidades de caminhos hermenêuticos, ainda assim, cada um destes caminhos é apenas mais um dentre outros. Nós, portanto, apresentaremos um outro dentre os outros.

Heidegger vai nos dizer que a questão não é falarmos *sobre* a filosofia, como se estivéssemos acima dela, vendo-a de longe, sendo necessário colocar-se fora do mundo – como se isso fosse possível – para tentar compreendê-la. O que Heidegger vai estabelecer como caminho é penetrar *na* filosofia, de forma subserviente, de modo que possamos “submeter nosso comportamento às suas leis”. Porém, aqui haveremos de concordar que tal concepção de caminho já é ultrapassada. A questão aqui não é submeter nosso comportamento às leis da filosofia, pois é sabido que nosso próprio agir *no* mundo cria a filosofia. A experiência filosófica transita entre o refletir, rememorar e imaginar, que influenciam nosso agir e nosso estar.

Entender a filosofia não só como coisa, mas como *coisa humana*, já traz uma obviedade. Ela é diversa em seus sentidos, em seus locais, em seus métodos e suas línguas, pois há os mais diversos tipos de povos. Quando falamos de filosofia, falamos essencialmente de pessoas e, conseqüentemente, de discursos. O que nos orienta à nossa segunda consideração crítica.

Assim como filmes e pessoas, nem todos os textos envelhecem bem. Heidegger anuncia: "[...] filosofia ocidental-europeia é, na verdade, uma tautologia. Por quê? Porque a 'filosofia' é grega em sua essência." O que percebemos em Heidegger, neste texto, é que a defesa de sua perspectiva do que seja filosofia se reduz à experiência do sentido inscrito na palavra originária "filosofia". O que aparenta uma confusão entre as palavras e as coisas. A palavra *Φιλοσοφία* é grega, mas o que ela aponta é universal, se manifesta em todo o globo. Certa vez, me contaram a história de um senhor de meia idade que narrou a história de um homem, argumentando em seguida que apenas os homens que viveram tal exata sequência de fatos em vida seriam homens de verdade. Heidegger faz a mesma coisa com a filosofia. Nunca é sobre ela propriamente, mas sobre a história e as particularidades de tempo e espaço que corroboram o entendimento mais grego possível de um som. Esta leitura apenas favorece discursos eurocêntricos e de hierarquização filosófica.

Tendo estabelecido: 1. A filosofia essencialmente como *coisa humana*, vinculada à cultura, legítima em todas elas e, conseqüentemente, diversa; 2. A existência de uma vastidão de determinações que nos orientam a considerações abertas, sendo qualquer caminho apenas mais um dentre outros – nesse jogo metafilosófico, é possível afirmar que a filosofia extrai seu vigor justamente da possibilidade de suas múltiplas origens. Aqui nos encontramos criteriosamente livres para ressignificar a filosofia e associá-la a algo novo: por exemplo, às meninas do Brasil.

Aqueles que possuem o prazer de morar em Salvador, em algum momento, provavelmente, já devem ter passado pelas obras de arte da falecida artista, natural do interior baiano, Eliana Kertész. As três enormes esculturas de bronze que ornamentam a rua Adhemar de Barros, nomeadas pela autora como Meninas do Brasil, mais conhecidas como "As gordinhas de Ondina", têm muito a nos oferecer em seu simbolismo. As três moças: Damiana, Mariana e Catarina, apresentam, cada uma, respectivamente, traços faciais que rememoram as três etnias fundamentais na formação da cultura brasileira. Damiana olha para o oceano, em busca de sua África mãe; Mariana, olhando em um outro ângulo, procura a Europa portuguesa; e Catarina dirige seu olhar para o interior da América profunda. Estas esculturas não realizam apenas uma feliz abertura da arte a novas formas de representar o corpo feminino no cenário brasileiro, como também apresentam a busca das diversas matrizes culturais inspiradoras do pensar.

A proposta de *Anãnsi* é ser uma revista que reforce a pluralidade do pensamento filosófico e suas diversas legitimidades, tendo como foco não apenas a publicação de trabalhos com temáticas "clássicas", mas também contemporâneas e outras menos usuais. Acreditamos fortemente na vitalidade da comunidade filosófica e vemos na construção deste portal a reafirmação de nossa atuação crítica e criadora no campo acadêmico cada vez mais presente, mesmo em tempos de *déjà vu* inquisitorial. Esperamos que os trabalhos produzam discussões filosóficas que, assim como nossas Gordinhas de Ondina, sejam exemplos de uma nova possibilidade de conceber nossas atividades. Assim como elas buscam a imagem dos mais diversos continentes e povos,

o filósofo também deve olhar para todas essas direções, para entender melhor a realidade pelos mais distintos pontos de vista e, conseqüentemente, as filosofias que nossa espécie produziu. *Anãnsi: Revista de Filosofia*, portanto, se apresenta a nós como este periódico internacional de divulgação de trabalhos de Filosofia em seus diversos formatos: artigos sobre as conclusões de nossas investigações, ensaios sobre nossos questionamentos, traduções que consideramos importantes para a comunidade brasileira e resenhas em geral. Aceitamos não apenas resenhas de livros que representem significativa contribuição de leitura para nossa área, mas também de filmes e eventualmente de obras de arte como pinturas, esculturas e fotografias. Na contemporaneidade não podemos negar a influência de filmes e das imagens em nossa vida cotidiana e nas reflexões individuais que realizamos sobre nossos comportamentos.

Publicada pelo Curso de Licenciatura em Filosofia do Departamento de Educação do Campus I da Universidade do Estado da Bahia, a Revista *Anãnsi* se organizará como um periódico quadrimestral. Apesar de, pelas mais diversas contingências, neste volume seus dois primeiros números saírem respectivamente nos meses de setembro e dezembro, a partir do próximo ano, nossas edições serão publicadas na última semana dos meses de março, julho e novembro. Nossa primeira edição conta com trabalhos variados de filosofia em geral. Ficamos felizes por conseguir, dentre os trabalhos avaliados para esta edição, selecionar dezesseis escritos para contribuir com o debate contemporâneo.

Em nosso primeiro trabalho, intitulado “Marx: a comuna camponesa russa e a teoria marxiana da revolução”, Nilo Sérgio Silva Aragão realiza um mapeamento das concepções de Marx acerca das possibilidades revolucionárias na Rússia a partir do final do século XIX.

O segundo e o terceiro trabalhos realizam intersecções entre a filosofia e a literatura. Nilton Marlon Antônio realiza uma análise dos discursos de Dolmancé sobre a metempsicose materialista, relacionando-os com as influências filosóficas de Sade em “A metempsicose no discurso de Dolmancé”; e Marcos Bruno Silva, em “A Subjetividade que reflete duas almas”, nos apresenta as considerações do filósofo alemão George Hegel e do escritor brasileiro Machado de Assis acerca da dialética do Homem-Mundo.

Cleidson de Jesus Rocha, em “A dialética negativa de Theodor Adorno contra o idealismo absoluto de Hegel”, expõe a crítica do filósofo da Teoria Crítica, contida na introdução à *Dialética Negativa*, e suas considerações contra o amordaçamento da dialética na positividade, para apontar possíveis lacunas no idealismo absoluto do seu opositor.

Diego Miranda Aragão nos oferece algumas reflexões acerca da possibilidade de uma Filosofia Jurídica da Libertação, contraposta aos pilares liberais-positivistas tradicionais do Direito, em seu trabalho intitulado “Para uma filosofia jurídica da libertação: breves notas de uma crítica à juridicidade moderna a partir da Transmodernidade Dusseliana”.

No sexto artigo, “Surdez e Ensino de Filosofia”, Brennan Cavalcanti Maciel Modesto levanta reflexões acerca das particularidades do ensino de filosofia na educação básica para pessoas portadoras de deficiência auditiva, debatendo não só a possibilidade e os limites da tradução dos conceitos filosóficos, como a eficiência do ensino de filosofia nestes casos.

No último trabalho da seção de artigos, Matheus Guimarães Barros elege a violência como temática central. Em seu texto “Violência simbólica no feminismo hegemônico”, o autor apresenta argumentos acerca da categorização de indivíduos como “mulheres”, enquanto identidade universalizante no movimento feminista, e a ideia de vulnerabilidade como essência do corpo feminino, aproximam o feminismo hegemônico da opressão que espera combater.

Na seção de Ensaios, tivemos duas publicações. “Notas para a crítica da Violência” de Alan Sampaio e “Brasil Viral: Panóptico-Bionecropolítico”, escrito por João Vitor dos Santos Cruz e Leonardo Rodrigues Almeida. Sampaio nos traz um trabalho que elenca dados e questões acerca da forma como a violência se revela. Partindo de autores como Marx, Nietzsche e Benjamin, incluindo outros filósofos contemporâneos ao debate, o autor retira formas de inteligibilidade do fenômeno. Já Cruz e Almeida, munem-se das reflexões de Foucault, Orwell e Mbembe para uma melhor compreensão das práticas de poder que estão se formando no Brasil durante a pandemia do COVID-19, o foco dos mesmos é a importância do uso de dados para a implementação dessa configuração e a intensificação da política de terror nas favelas.

Na seção de Tradução, o primeiro texto, “Eudaimonia e Neltiliztli: a concepção de boa vida em Aristóteles e na Filosofia Asteca”, de Lynn Sebastian Purcell, traduzido por Flávio Rocha de Deus, representa, no Brasil, uma publicação “pioneira” na divulgação de estudos da área. O trabalho foi realizado em parceria com o próprio Lynn Purcell, que também se encarrega de escrever a apresentação do texto desta edição. O Prof. Purcell é docente da State University of New York College at Cortland e um dos pesquisadores mais ativos no estudo da filosofia dos povos pré-colombianos, especificamente da civilização Asteca. Vislumbrando a inexistência de publicações acadêmicas acerca do tema em língua portuguesa, o autor se sentiu muito feliz em nos auxiliar na tradução e apontar adendos em nosso texto. *Anãnsi*, portanto, muito se alegra em ser a primeira revista brasileira de filosofia a publicar material acadêmico sobre o assunto.

Ainda na seção de traduções, encontraremos a Carta de Engels a Conrad Schmidt, “Sobre a importância de Hegel”, traduzida por Carlos Eduardo Nogueira Facirolli; o texto “Sobre a noção de causa”, de Bertrand Russell, traduzido por Augusto Lucas Valmini; “O tempo sem o tornar-se”, de Quentin Meillassoux, texto com tradução de Rafaela Silva Borges e Introdução, Revisão e Notas de Otávio Souza e Rocha Dias Maciel; e o ensaio “Estar com fome já é querer ser livre”, escrito por Jean-Paul Sartre e traduzido, também, por Flávio Deus.

Na seção de Resenhas, tivemos dois textos dedicados à análise de filmes. O primeiro deles, de Laila Algaves Nuñez, discorre acerca do filme *Persona* (1966) e a inútil busca pelo Ser, elencando, através de um olhar psicanalítico, o ofício do ator e o problema da autenticidade. Encerrando esta edição, nosso último texto, de autoria de Fanny Oliveira, em sua resenha do filme *Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar* (2019), traz reflexões e apontamentos críticos sobre o tempo, o trabalho e a autonomia no Brasil contemporâneo.

Com esta relação de trabalhos, firmamos este novo passo para o fortalecimento dos estudos filosóficos no nosso país. Em jargão aristotélico, diríamos que assumir *Anãnsi* como nossa causa final foi um processo que não teria sido possível sem os diversos agentes que, como causas eficientes, tornaram isto possível. Em especial, acredito ser justo marcar quatro destacados agradecimentos. Primeiro, à Prof^a Maura Icléa Cardoso de Castro, que, com seus anos de experiência editorando a Revista da FAEEBA, no final de uma tarde quente estendeu seu horário de saída para nos explicar cada passo do processo de criação e editoração de periódicos. Segundo, ao Prof^o Luciano Costa Santos, que sempre se predispondo a encorajar e auxiliar atividades de bom espírito, se mostrou disponível e atento a todo processo de coordenação e editoração da revista. Terceiro, a todos os membros fixos do corpo editorial e eventuais pareceristas *ad hoc*, que, no assíduo trabalho de revisão e avaliação, nos permitem realizar uma qualificada triagem de trabalhos para divulgar à comunidade acadêmica. Por fim, aos funcionários da Gerência de Informática (GERINF) da UNEB, que nos auxiliaram tanto na construção como no manejo da plataforma de periódicos.

O nome “Anãnsi” é uma homenagem ao herói africano homônimo. Conta a lenda que, vivendo em mundo triste pela inexistência de histórias, pois eram todas de propriedade do deus do céu Nyame, Anãnsi realizou a façanha de vencer os desafios impostos pelo deus para conquista-las e, depois, voltou ao mundo para dividi-las com os homens. Atividade esta que nos esforçaremos para manter viva através desta revista.

Flávio Rocha de Deus – Editor
Universidade do Estado da Bahia